

Barreiras enfrentadas pelas mulheres no jornalismo esportivo – um recorte histórico

Barriers faced by women in sports journalism - a historical cut

Ferreira, Aline B.

Submetido em: 19/05/2022

Aprovado em: 20/05/2022

Publicado em: 24/05/2022 v. 2, n. 1, jan-jun. 2022

DOI: 10.51473/rcmos.v2i1.304

RESUMO

Pode-se dizer que antigamente as mulheres viviam em função de seus maridos, cuidando de suas casas e filhos, porém aos poucos foram conquistando espaço e mostrando suas verdadeiras habilidades. Neste trabalho faz-se um estudo acerca das barreiras enfrentadas e o espaço hoje conquistado por elas. Nesse contexto, o objetivo geral consiste em analisar a inserção da mulher no jornalismo esportivo no Brasil. E os objetivos específicos consistem em: identificar as novas possibilidades do jornalismo no Brasil; averiguar o processo de inserção da mulher no esporte no decorrer da história; descrever a inserção da mulher no jornalismo esportivo; identificar o posicionamento da mulher no jornalismo esportivo nos dias de hoje. Como metodologia utilizou-se uma pesquisa bibliográfica, buscando em livros, revistas, artigos e sites especializados no assunto o embasamento teórico necessário ao estudo.

Palavras-Chave: Mulher. Esporte. Jornalismo.

ABSTRACT

It can be said that in the old day's women lived according to their husbands, taking care of their homes and children, but gradually they were conquering space and showing their true skills. In this work we study about the barriers faced and the space today conquered by them. In this context, the general objective is to analyze the insertion of women in sports journalism in Brazil. And the specific objectives are to identify the new possibilities of journalism in Brazil; to investigate the process of women's insertion in sport throughout history; describe the insertion of women in sports journalism; identify the position of women in sports journalism these days. As methodology, we used bibliographic research, searching in books, magazines, articles, and sites specialized in the subject the theoretical basis necessary for the study.

Keywords: Woman. Sport. Journalism.

1 INTRODUÇÃO

Pode-se dizer que antigamente as mulheres viviam em função de seus maridos, cuidando de suas casas e filhos, porém aos poucos foram conquistando espaço e mostrando suas verdadeiras habilidades.

Atualmente com seu devido espaço conquistado na sociedade, estas vêm se colocando no mercado de trabalho, mostrando aos poucos que possuem tanta capacidade quanto os homens, com competência, criatividade e a maneira como encara as dificuldades e os desafios.

Neste trabalho faz-se um estudo acerca das barreiras enfrentadas e o espaço hoje conquistado por elas. Assim, o estudo é direcionado pelos seguintes questionamentos: Quais as barreiras enfrentadas pela mulher no jornalismo esportivo ao longo do tempo?

Nesse contexto, o objetivo geral consiste em analisar a inserção da mulher no jornalismo esportivo no Brasil. E os objetivos específicos consistem em: identificar as novas possibilidades do jornalismo no Brasil; averiguar o processo de inserção da mulher no esporte no decorrer da história; descrever a inserção da mulher no jornalismo esportivo; identificar o posicionamento da mulher no jornalismo esportivo nos dias de hoje.

Como metodologia utilizou-se uma pesquisa bibliográfica, buscando em livros, revistas, artigos e sites especializados no assunto o embasamento teórico necessário ao estudo.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 ÉTICA E JORNALISMO NO BRASIL

48

A ética e a antiética estão conectadas à prática jornalística onde o profissional de jornalismo deve dispor de um “*código moral provisório*” para que seus objetivos sejam alcançados. Porém uma moral provisória pode levar o jornalismo a perder a credibilidade, visto a inconstância e distorção de informações ao manipular notícias, podendo surgir conflitos éticos. Na verdade, cada profissão tem seu código de ética bem definido, mas o jornalista faz as regras de acordo com o que lhe convir (SAID, 1999).

Corroborando com Said, não se devem ultrapassar os limites das normas éticas profissionais, para que se possa contribuir

para a melhoria das atividades do cotidiano jornalístico.

Com o capitalismo, a disputa pelo monopólio, a briga por uma notícia exclusiva, oferecendo uma notícia de péssima qualidade, sensacionalista e sem fundamento teórico, o jornalista acaba caminhando em sentido contrário do Código de Ética, quando deveria, por meio de uma linguagem adequada, indicar os caminhos que permitam julgamentos a quem estiver interessado (FERREIRA, 2021a).

Talvez esse fato seja devido ao desejo de se manter à frente das notícias lançadas pela internet, na tentativa de apresentar a notícia em primeira mão. Porém ocorre que nem sempre as informações online têm procedimento, isto porque não existe a correta apuração dos fatos, acarretado justamente pela disputa pelo monopólio, mas este assunto será abordado com riqueza de detalhes mais a frente ainda neste capítulo.

O jornalista não é mais o único com poder de informação (RAMONET, 1999), hoje qualquer indivíduo possui poder de mídia, mesmo que não tenha credibilidade, alcance ou audiência, o que importa é que tem a voz da mídia. Isso porque a tecnologia tomou o lugar do jornalismo tradicional passando a prevalecer a comunicação interativa onde a qualquer momento, de qualquer lugar o indivíduo pode obter a informação e mais, expor sua opinião (COSTA, 2009).

Conforme Ferreira (2021), o jornalismo contemporâneo, utiliza complexos meios de produção da subjetividade, pautando-se na ética e na divulgação de fatos verídicos.

Nesse caso, cabe ao jornalista apurar os fatos, prevalecendo a verdade que seja de interesse público, evitando ir contra o Código de Ética, garantindo assim a publicação de contestações objetivas das pessoas acusadas em suas páginas de atos ilícitos, mantendo o sigilo de sua fonte de acordo com o que consta na Constituição e Código de Ética.

1.2 A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Sabe-se que a espécie humana possui dois gêneros: o masculino e o feminino. Para que haja a reprodução da espécie e imprescindível que haja a participação destes dois seres, que passaram a se relacionar com o objetivo de perpetuar a espécie, passando a conviver constantemente, assim, juntamente com a reprodução do homem, foram surgindo as sociedades.

Desde o período neolítico, cerca de 8.000 a 4.000 anos atrás, quando o homem começou a produzir seus próprios alimentos, as divisões dos papéis na sociedade também começaram a serem definidas (ALVES; PITANGUY, 1981)

De acordo com Alves e Pitanguy (1981), no período pré-capitalista, a família era multigeracional, e todos trabalhavam em uma mesma unidade econômica de produção. Contudo, no decorrer dos tempos, a mulher passou a ser vista como o sexo frágil, incapaz de assumir a gestão de uma família, passando a ser o homem o grande poder da família e da sociedade em geral.

Desta forma, com o homem assumindo a frente da família, surgiu a sociedade patriarcal, e a mulher foi sendo cada vez mais submetida aos interesses do homem, sua função foi se restringindo ao mundo doméstico, cuidando da casa, do marido e dos filhos.

Na época das sociedades industriais, surgiu o modelo nuclear de família, ou seja, pai, mãe e filhos, contudo, a sociedade continuava patriarcal. A mulher passou a ser submetida ao trabalho fabril, deixando a função de apenas cuidar, porém, este fato gerou uma desestruturação dos laços familiares, principalmente para os filhos, fazendo crescer, assim, os conflitos sociais (ALVES; PITANGUY, 1981).

As mulheres passaram a ter uma jornada dupla, tendo em vista que tinham ainda que cuidar de suas casas e famílias. A dificuldade encontrada nessa jornada dupla de trabalho levou as mulheres a reivindicarem, também, por creches, escolas e pelo direito da maternidade. Como se pode perceber, durante o decorrer da história da sociedade a mulher sempre foi vista como menos capaz que o homem. A mulher foi passando a pertencer cada vez mais ao homem, o adultério era considerado crime gravíssimo e colocava em perigo a herança da prole.

No século XX, as mulheres iniciaram uma luta organizada em busca de seus direitos, para acabar com as formas de opressão a que eram submetidas, iniciou-se o chamado feminismo. De acordo com Beauvoir (1980) elucida que o feminismo consiste basicamente em uma aposta política, uma aposta na dissolução de diferenças entre homens e mulheres, rotuladas pelo feminismo.

As mulheres ficaram a favor do feminismo, assumindo o movimento, foram vistas como mulheres mal-amadas, sendo discriminadas pelos homens e pelas mulheres que aceitavam o papel de submissas.

Todas as lutas travadas pelas mulheres foram em busca de seus direitos, por novos valores sociais, de uma nova cultura, da igualdade perante os homens. Apesar de, atualmente, as mulheres terem conquistado seu espaço, sua igualdade perante o homem, ocupando cargos em empresas que antes só os homens podiam assumir, sendo a principal fonte de renda e dividindo a mesma autoridade que o homem frente suas famílias, ainda existe muito preconceito, uma antiga visão de que a mulher é mais frágil permanece, e infelizmente, ainda se pode constatar uma submissão das mulheres, aonde muitas chegam a sofrer violência por parte dos homens.

No que se refere ao jornalismo esportivo, com a chegada do século XX houve um aumento da representatividade da mulher nos programas esportivos de televisão. Isso se deve ao fato de que as mulheres passaram a adquirir maior conhecimento sobre jogos e assim se tornaram aptas a divulgar informações esportivas. Porém, ainda assim contam-se quantas mulheres ocupam cargos de redatora ou locutora esportiva diante do grande número de homens nestas funções

(SIMÕES, 2003, p.65).

Anna Zimmerman foi a primeira mulher a ganhar a função de repórter esportivo na Rede Globo no ano de 1998 cobrindo a Copa do Mundo da França. Desde então a mulher passou a ser presença confirmada no jornalismo esportivo, tanto que em 2002, Fátima Bernardes realizou a cobertura da Copa do Mundo do Japão. (MEMÓRIA GLOBO, 2004, p.352). Neste contexto, é importante verificar o real papel da mulher no jornalismo esportivo e verificar se sua presença não se tratava ainda, apenas de uma estratégia para atrair audiência.

1.3 PIONEIRAS NO JORNALISMO ESPORTIVO

A evolução da mulher no esporte acompanhou a busca de seu espaço na sociedade e de acordo com Righi (2006) primeiro as mulheres passaram a participar do esporte, depois vieram as vitórias e, com isso, passaram a responder aos repórteres, depois passaram a ser esses repórteres, e hoje, estão dentro dos programas esportivos, comentando, apresentando, fazendo parte do mundo esportivo.

Como primeiro nome feminino da mídia esportiva cita-se Regiani Ritter, que iniciou no jornalismo esportivo no rádio, mas se consagrou no televisivo, como a primeira mulher a cobrir uma Copa do Mundo, esta que foi realizada na Itália. Outra mulher a ser destacada aqui é Marilene Dabus, conhecida por sua ousadia, visto que se aventurou no esporte tipicamente masculino, o Futebol. De acordo com Mota (2009) a forma com que Marilene Dabus entrevistava os jogadores ainda no gramado foi malvista pela sociedade.

Cidinha Campos é outro nome de destaque no jornalismo esportivo, visto que entrevistou o jogador Pelé, considerado Rei do Futebol, antes de converter seu milésimo gol, abrindo espaço para mulher nesse tipo de mídia.

Dessa forma, fatos importantes marcados pelo pioneirismo da mulher no jornalismo esportivo fizeram com que hoje elas conquistassem um espaço maior, estando presentes nessa mídia.

CONCLUSÃO

Neste estudo foi feito um estudo acerca da inserção da mulher no jornalismo esportivo, observando os aspectos que envolveram esse processo, desde as barreiras sociais até aquelas relacionadas ao seu desempenho no esporte, que com persistência foram superadas e hoje fazem a mulher figurar no cenário esportivo, dentro e fora dos campos e quadras. Barreiras como preconceitos de gênero, dúvidas sobre o seu desempenho fizeram com que durante muito tempo fossem renegadas no esporte, vindo posteriormente a demonstrarem que estavam preparadas para figurarem nesse cenário, competindo e vencendo.

De dentro dos jogos, com suas vitórias, as mulheres passaram a conceder entrevistas aos repórteres por seus feitos, em seguida, passaram a serem elas a entrevistar os jogadores e jogadoras, e hoje são âncoras de programas, comentaristas de esportes, repórteres e, fazem, inclusive, cobertura de grandes eventos esportivos mundiais, sendo destaque no meio. Assim, ao final do estudo pode-se constatar que assim como a foi a inserção da mulher na sociedade, com todas as suas barreiras, também foi para se inserir no esporte, preconceitos, dúvidas, pairaram sobre elas, mas com persistência, foram conquistando espaço e hoje atuam no jornalismo esportivo com destaque, fazendo parte de programas, coberturas de grandes eventos esportivos, enfim, apesar do pouco destaque dado ao esporte feminino pelos noticiários, as mulheres já fazem parte desse mundo.

REFERÊNCIAS

Costa, Caio Túlio. **Visões do presente**. São Paulo: Etco/IFHC/Editora Saraiva, 2009.

FERREIRA, A. Assessoria de imprensa como atividade jornalística nas empresas, **RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, v. 5 n. 5, 2021.

FERREIRA, A. Livro-reportagem: o jornalista como autor. **RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, v. 5 n. 5, 2021 a.

MEMORIA GLOBO (Org.) **Jornal Nacional**: a notícia faz história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

MOTA, Cahê. **Fla inaugura sala de imprensa**. Espaço reservado para jornalistas na Gávea recebe o nome da assessora de imprensa Marilene Dabus. Rio de Janeiro. Globo Esporte. 10 fev. 2009. Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/internacional/>. Acesso em: mai. 2022.

RAMONET, Ignácio. **A tirania da comunicação**. Editora Sabotagem. 1999.



SAID, Valéria. **Ética, Moral e Deontologia no Jornalismo**. 1999. Disponível em: http://www.pqn.com.br/portal_pqn2/index.php?option=com_content&task=view&id=374&Itemid=70. Acesso: mai. 2022.

SIMÕES, Antônio Carlos. **Mulher e esporte**: mitos e verdades. São Paulo: Manole, 2003.

